

A CO-CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS E DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM UMA ENTREVISTA TELEVISIVA

Elias Maurício da Silva Rodrigues¹ (UFPA)

heliasmauricio@yahoo.com.br

Maria da Conceição Azevedo² (UFPA)

cazevedo@ufpa.br

RESUMO: Partindo de um corpus autêntico de interação verbal do Programa do Jô, da Rede Globo de Televisão, discutimos, neste estudo, a forma como se desenrola o processo de co-construção da interação, o que demanda, por parte dos interlocutores envolvidos, uma negociação permanente e o uso de estratégias discursivas social e culturalmente determinadas. O estudo baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Interacional, considerando as noções de *footing* (GOFFMAN, 1998), enquadres (TANNEN & WALLAT, 1998), pistas de contextualização (GUMPERZ, 1998) e da Teoria das Faces (BROWN & LEVINSON, 1987). Esses conceitos auxiliam-nos a compreender as relações entre os participantes da interação escolhida para análise, e o modo como, através da gestão das formas discursivas, os sujeitos envolvidos produzem significados, enquanto engajados numa estrutura de participação que revela o processo de negociação dialógica em que coordenam suas ações conjuntas.

PALAVRAS-CHAVE: Enquadres, *Footing*, Pistas de Contextualização, Teoria das Faces.

ABSTRACT: In this study an authentic verbal interaction, recorded from *Programa do Jô*, a Brazilian talkshow, is analysed. The process of co-construction of the interaction is discussed. This co-construction operates throughout the conversation, which demands permanent negotiation and the use of discursive strategies that are socially and culturally determined. The study is based on theoretical-methodological presuppositions of Interactional Sociolinguistics, more specifically relying on the following: footing (GOFFMAN, 1998), frame (TANNEN & WALLAT, 1998), context tracks (GUMPERZ, 1998) and the Theory of Faces (BROWN & LEVINSON, 1987). Those concepts contribute to the understanding of the relationships among the interaction participants and the way they manage discursive forms to produce meaning, while engaged in a participation structure that reveals the process of dialogic negotiation.

KEYWORDS: Frame, Footing, Context tracks, Theory of Faces.

1. A ABORDAGEM SOCIO-INTERACIONAL DA LINGUAGEM

A abordagem socio-interacional pertence a um campo interdisciplinar, pois toma como contribuições pressupostos advindos da Linguística, da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia, envolvendo relações entre linguagem, sociedade e cultura. Nessa perspectiva, a

¹ Mestre em Linguística

² Mestre em Linguística

linguagem é encarada como ação situada, ação que se constitui na e pela interação entre os sujeitos, através de atitudes coordenadas, portanto, co-construídas, o que implica uma contínua negociação entre os interlocutores.

É nessa direção que destacamos os trabalhos de Erving Goffman (1998), Gumperz (1998) e Tannen & Wallat (1998), estudiosos que contribuem significativamente para a compreensão da complexidade dos processos de construção de significados nas interações face a face. De forma geral, esses trabalhos destacam a importância da investigação de aspectos mais pontuais que ocorrem em uma situação de interação particular, uma conversação face a face, um “encontro social”. Na visão de Goffman (1998, p. 76), esse encontro social é delimitado, pois abrange todas as ações que ocorrem a partir do momento em que duas ou mais pessoas passam a agir discursivamente de maneira conjunta, sustentando seu envolvimento em torno do que se diz.

Recorremos a Tannen & Wallat (1998, p. 123), em seu estudo sobre a relação entre enquadres interativos e esquemas de conhecimento em uma consulta médica, para situarmos a noção de enquadre, que se refere à “definição do que está acontecendo em uma interação, sem a qual nenhuma elocução (ou movimento ou gesto) poderia ser interpretada”. Essa noção nos leva a entender que no processo de interação é necessário cada participante atentar para o enquadre em que se configura a elocução, saber se o que o interlocutor profere no momento é, por exemplo, uma brincadeira ou um insulto, evitando a ocorrência de um mal entendido.

Essas autoras fazem referência à noção de *footing*, termo usado por Goffman (1981) para descrever o modo como os participantes enquadram as elocuições enquanto negociam as relações interpessoais. Goffman (1998, p. 70) afirma que o *footing* “representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção”.

Ainda segundo Goffman (1998, p. 89), a base estrutural para a análise das mudanças de *footing* só é possível a partir da delimitação da relação entre os participantes de uma interação, o que o autor faz ao ampliar as noções tradicionais de falante e ouvinte em termos de estrutura de participação (ouvinte) e formato de produção (falante).

Em Gumperz (1998, p. 100), por sua vez, consideramos a noção de pistas de contextualização, que, para o autor, dizem respeito aos traços presentes na superfície das mensagens, com os quais os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam o tipo de atividade, seu significado e a inter-relação entre as orações, grosso modo, são “todos os traços lingüísticos que contribuem para a sinalização de pressuposições contextuais”. Os

significados de tais pistas são implícitos, contextuais, e dependem, portanto, do reconhecimento por parte dos participantes. Quando não há reconhecimento das pistas relevantes, acontecem divergências de interpretação e mal-entendidos, pois essas pistas apresentam um caráter convencional, social e culturalmente determinado.

Consideramos ainda os estudos desenvolvidos por Brown e Levinson, que, no final da década de 70, inspirados no sociólogo Erving Goffman, ampliam a noção de face e postulam que os participantes de uma interação são dotados de duas faces: uma positiva e outra negativa (CUNHA, 2005). Enquanto aquela se relaciona à necessidade de reconhecimento e aprovação social, esta diz respeito à preservação do território pessoal. Segundo esses autores, alguns atos de fala podem colocar em risco a imagem pública dos interlocutores, são atos ameaçadores à face (“face-threatening acts”), como uma crítica, uma desaprovação, uma reclamação, um aviso, um conselho etc., e que demandam estratégias para minimizar seu potencial efeito ofensivo (BRONW & LEVINSON, 1987).

Em conformidade com a Teoria das Faces, então, se a interação verbal pressupõe a participação de, no mínimo, dois indivíduos, teremos que considerar a existência de quatro faces. Para Cunha (2005), a teoria das faces está “ligada ao processo de construção de imagens, que doam valores éticos, morais e sociais aos indivíduos de convívio comum, que tendem a uma construção social de uma face positiva, que lhes garante status e valorização.” Assim, o princípio da preservação das faces determina na língua fatos estruturais e formas conversacionais diretamente ligados às regras culturais que estabelecem como cada indivíduo deve se comportar no convívio social.

Apesar de sucinta, a apresentação dos conceitos acima, longe da pretensão de esgotar o quadro teórico em questão, serve, dentro dos objetivos deste estudo, para que possamos compreender a maneira como, numa interação particular, os participantes constroem e definem, conjuntamente, a situação e os significados dessa interação, e negociam, durante todo o tempo em que mantêm contato, seus papéis discursivos, em termos de uma estrutura de participação. Esses conceitos são utilizados, portanto, para que analisemos as relações entre os participantes da interação escolhida para análise, e o modo como, através da gestão das formas discursivas, os sujeitos envolvidos produzem significados.

2. O *CORPUS* E A ESTRUTURA DE PARTICIPAÇÃO

O *corpus* desse trabalho é composto de uma entrevista de televisão, mais especificamente do Programa do Jô, da Rede Globo de Televisão. O vídeo da entrevista utilizada para análise constitui-se num *download* feito do site YOU TUBE em 17/05/2008. O vídeo possui 51 minutos e 68 segundos de duração. Consideramos as normas para transcrição adaptadas de Fávero, Andrade & Aquino (2005). Para identificar os participantes, utilizamos as seguintes referências: Jô Soares (L1), Ariano Suassuna (L2), Inês Viana (L3), esposa de Ariano Suassuna (L4), Danilo Miranda (L5) e a platéia (PL).

A estrutura de participação da situação interativa analisada envolve: o apresentador do programa, que é o entrevistador (Jô Soares); o entrevistado (Ariano Suassuna); a platéia, com destaque para três de seus participantes (Inês Viana, Danilo Miranda e a esposa de Ariano); além do público telespectador, que, embora não esteja presente no local do programa, faz parte dele, já que o formato do programa atinge a um público específico. A noção de interlocutores ratificados e não-ratificados se torna então importante, já que nessa interação os elementos lingüísticos, paralingüísticos e também não lingüísticos sinalizam, no momento de fala, o *footing* dos participantes (GOFFMAN, 1998). Ao observar os diferentes alinhamentos dos participantes, que por sua vez estão relacionados aos variados papéis assumidos por eles no decorrer do encontro, pudemos identificar a existência de diversos enquadres correspondentes aos níveis de interação aí representados (TANNEN & WALLAT, 1998), a partir dos quais pudemos compor o seu quadro interacional.

Visando facilitar a compreensão da forma como se organizam os enquadres em que se configura a interação em análise, apresentamos um quadro interacional que demonstra a sua organização global. A partir desse quadro, procuraremos examinar, em cada enquadre, o modo como as estruturas de produção e de participação são co-construídas e negociadas pelos sujeitos envolvidos, o que implica necessariamente considerar outros elementos que estão em jogo, como pistas de contextualização e esquemas de conhecimento.

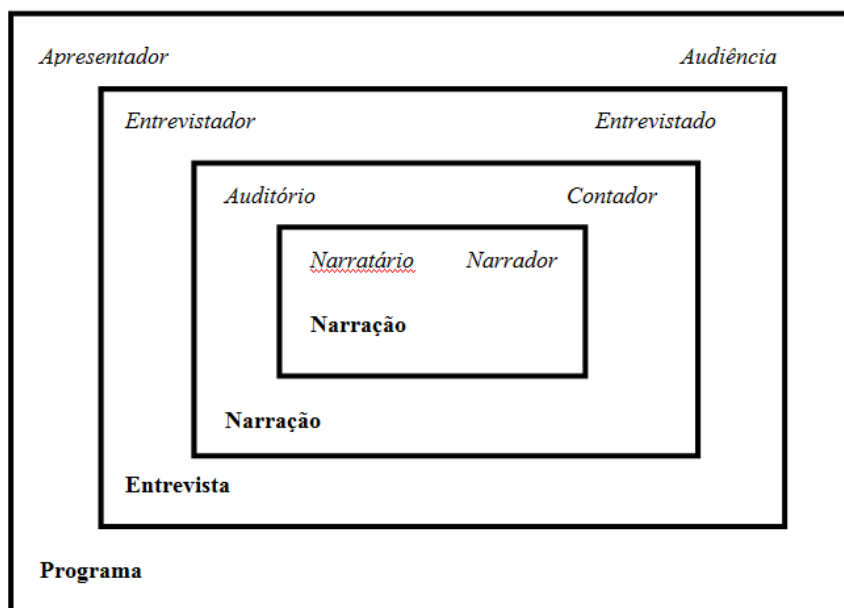


Figura 1: Quadro Interacional baseado em Pessoa (In: MARINHO; PIRES & VILLELA, 2007, p. 145)

Consideramos a existência de quatro enquadres principais que estruturam a interação. O enquadre mais amplo é o do programa de televisão, em que os papéis dos participantes se caracterizam na relação entre o apresentador e a audiência. Esse enquadre por sua vez inclui outros enquadres: o da entrevista, em que os participantes assumem os papéis de entrevistador e entrevistado; o da narração, em que os sujeitos assumem os papéis de contador e auditório; e o da organização enunciativa da atividade de narração, com os participantes no papel de narratário e narrador. Há de se considerar que todos esses enquadres convivem de forma equilibrada na interação, e que não necessariamente um enquadre irá excluir outro.

Há que se destacar ainda, a respeito da interação analisada, que se trata de uma entrevista, gênero que, segundo Fávero & Andrade (*apud* Lopes, 2000, p. 52), não é considerado o exemplo mais adequado de interação verbal, dado que a conversação que nela se instala não é totalmente espontânea, pois é fruto de um acordo prévio e porque nela é quebrada uma condição fundamental do diálogo em si, devido ao alcance mais amplo e complexo que tem uma entrevista. Apesar disso, as características da interação escolhida para análise — o fato de se tratar de uma entrevista longa e o grau de intimidade observado entre entrevistador e entrevistado — permitem-nos afirmar que o encontro se dá de maneira bastante informal e descontraída, assemelhando-se a conversações face a face cotidianas.

Nos subtópicos que seguem, analisaremos a configuração de cada um dos enquadres que estruturam a interação em foco.

2.1. ENQUADRE DO PROGRAMA

Este enquadre caracteriza-se por constituir o nível mais global na interação. Os sujeitos envolvidos assumem os papéis de apresentador e audiência, sendo que a audiência abrange tanto a platéia ao vivo quanto a platéia por retransmissão, o que exige do apresentador orientar sua elocução ora para uma, ora para a outra (GOFFMAN, 1998, p. 82).

Nesse enquadre Jô Soares assume o papel de apresentador, o *footing* do falante nesse papel implica a relação com a audiência, no caso, as platéias ao vivo e por retransmissão (GOFFMAN, 1998). Esse alinhamento é perceptível pelo uso de elementos lingüísticos e não lingüísticos que o delimitam, como constatamos no recorte de um trecho da entrevista apresentado abaixo:

(1)

L1. tenho aqui ao meu lado... ariano suassuna... e:: eu brinco muito que **aqui na produção na minha produção ((olha para a câmera e em seguida para a platéia))** e por onde eu ando eu espalho muito... a expressão mucica... ((volta o olhar para o entrevistado)) que é tipicamente nordestina

L2.

[
nordestina é::

Em (1), apontamos como índices do alinhamento assumido por Jô Soares a sinalização lingüística nas expressões “aqui na produção”, “na minha produção” e as pistas não lingüísticas, como o olhar direcionado ora à câmera, ora à platéia ao vivo. Percebemos que sempre na abertura e no fechamento de cada parte do programa, o alinhamento assumido por Jô Soares como apresentador torna-se mais evidente.

Para Goffman (1998, p. 82) “o papel de uma platéia é o de apreciar as observações feitas e não o de responder de forma direta”. Em nossa análise, no entanto, percebemos que há três membros da platéia ao vivo (Inês Viana, Danilo e a esposa de Ariano Suassuna) que acabam por assumir um papel diferente do citado por Goffman, ao serem ratificados pelo apresentador. Ocorre, então, um novo alinhamento que projeta um novo enquadre e os ratifica como entrevistados, como observamos no trecho transcrito abaixo, em que um desses participantes é entrevistado por Jô Soares.

(2)

L1. aliás parabéns pela maneira como os teatros são... mantidos que é uma coisa realmente fantástica... e a inês viana fala um pouco... a inês viana tá aí? ((dirigindo-se à platéia tenta localizar a pessoa referida))

- L3. oi
[
- L2. tá: ((também dirige seu olhar em direção à platéia))
- L3. tô aqui ((sorri))
- L1. éh... olha lá... ô: inês... você é organizadora do evento? fala um pouco

((a câmera focaliza inês))
- L3. não na verdade eu sou coordenadora artística... né? que:: essa é a terceira vez que eu tô fazendo um... quarta né? porque teve a cavalgada *pedra do reino* teve o documentário... onde o ariano me deu a honra de ser o narrador principal... depois eu trouxe aqui no rio na ru/na rua do lavradio hoje... onde hoje em dia é o rio cenário... e depois no sesc espaço sesc em 2004 também () uma semana... aí as meninas da *sarauana* luiza e andréia viram lá ficaram encantadíssimas e resolveram comemorar esses oitenta anos e me chamaram pra ser a coordenadora artística do:/desse evento não é?

Isso implica dizer que numa interação os indivíduos estão sujeitos a mudanças de alinhamento e, no caso do formato do programa de televisão em análise, percebemos essa possibilidade. Em (2), acima, uma integrante da platéia ao vivo, Inês Viana, ao ser ratificada pelo apresentador, modifica seu *footing*, deixando de ser uma simples expectadora, mesmo que por alguns instantes. Interessa-nos destacar que esse dado permite corroborar nossa análise do papel que assume Jô Soares no enquadre do programa, já que nenhum dos outros participantes da interação poderiam agir de tal maneira, essa é uma ação permitida, costumeiramente, apenas ao apresentador de um programa televisivo.

2.2. ENQUADRE ENTREVISTA

Neste nível de interação, em que os sujeitos assumem os papéis de entrevistador e entrevistado, ocorre um freqüente compartilhamento da fala entre os interlocutores. Na atividade entrevista, caracterizada pela dinâmica de perguntas e respostas, que situam as posições de entrevistador e entrevistado, há uma participação ativa e recíproca dos interlocutores na co-construção discursiva. Porém, o domínio efetivo dessa dinâmica cabe ao entrevistador, que mantém o controle sobre a ação de perguntar, tornando perceptível o acentuado direcionamento da condução da entrevista (PESSOA, In MARINHO, PIRES & VILLELA, 2007: 146). O trecho abaixo ilustra a maneira como é conduzida essa atividade:

(3)

- L1. xo começar perguntando a você... você já teve lá em pau d'alho?
- L2. Já

- L1. foi durante o carnaval fora de época?
- L2. não eu estive lá pra assistir... a encenação de *o santo e a porca* por grupo local
- L1. ah:: faz tempo isso?
- L2. faz tempo
- L1. você sabe que eu tive um privilégio... aliás dois com relação a você... um foi estrear em teatro substituindo o: papel do bispo na *compadecida* quando a montagem com agildo ribeiro lá no: teatro de BOLso em ipanema no rio de janeiro... foi minha/a primeira vez que eu pisei num palco e a segunda foi depois assistir a estréia da *pena e a lei* no teatro: princesa isabel

Jô Soares, no papel de entrevistador, domina a abertura das trocas conversacionais e é responsável pela introdução de novos tópicos³ que vão sendo aceitos pelo entrevistado, o qual, por sua vez, tendo o turno da fala, por vezes insere também novos tópicos ou subtópicos. O entrevistador ocupa, assim, uma posição privilegiada no gerenciamento global da interação, além de manter a dominância na condução local do encadeamento discursivo. No trecho a seguir, observamos como o entrevistador insere um novo tópico, demonstrando seu domínio na condução da entrevista. Vejamos, em (4), um trecho da entrevista em que os participantes falavam sobre o sucesso da obra “O Auto da Compadecida”, o entrevistador, então, direciona a conversa, introduzindo o tópico “Infância”:

(4)

- L1. mas é é impressionante a a maneira:... porque eles têm um tipo de matreirice... que é absolutamente brasi/ o nordestino é brasileiro MAS:: universal porque *o auto da compadecida* era um sucesso no mundo todo onde foi montado né?
- L2. é... digamos que seja ((risos))
- L1. não... É::
- L2. é: será?
- [
- L1. (sem dúvida nenhuma) inclusive inclusive quer dizer... eu ouvi críticas elogiando demais o espetáculo e elogiando a PEÇA principalmente... **mas vamos voltar um pouco mais a na sua infância pra falar dos seus irmãos...** que maltratavam você ameaçando... viajar como é que é essa história?
- L2. é é verdade... eles eu sou o mais moço de de cinco homens ao todo éramos nove irmãos quatro mulheres e cinco homens e eu sou o mais novo dos homens... então os mais velhos inventavam uma viagem mítica que eles iam fazer pra áfrica... e me excluía
- L1. ((risos))
- PL. ((risos))

³ Para Brown e Yule (1993 *apud* FÁVERO, 2003), tópico discursivo é aquilo sobre o que se está falando, é o conteúdo da conversa co-construída em que os participantes se esforçam para obter a atenção e colaboração entre ambos. Essa é uma noção essencial para a compreensão da organização conversacional.

L2. tá entendendo me excluía logo “você não vai não que você dá muito trabalho...” aí eu me aperreava ia me queixar a minha mãe “minha mãe olhe... eles tão organizando uma expedição pra África e eu num vou” e ela “deixe de besteira que eles num ta/ eles num vão não” “vão... eles tão dizendo que vão...” “(quer dizer) é inventada” eu digo “mas eu quero ir assim mesmo” ela disse “invente a sua” eu digo “eu quero ir é na deles”

PL. ((risos))

L1. ((risos))

Como afirmamos no início deste trabalho, interagir por meio da linguagem constitui-se numa ação conjunta dos interlocutores, o que implica contínua negociação. E, embora a interação em análise caracterize-se por um equilíbrio geral, como em qualquer outro encontro social, equilíbrio e tensão convivem, sendo permanentemente negociados.

Goffman (1974 *apud* WYSOCKI, 2007) utiliza o termo *face-work* para fazer referência aos procedimentos utilizados para amenizar ou restabelecer a face ameaçada dos participantes de uma interação verbal. Nessa co-construção do processo interacional, os indivíduos têm a preocupação em preservar a face alheia. Ao tentar preservar ou salvar a face alheia, são necessários cuidados para não se perder a própria face, e, ao salvar a própria face, é preciso atentar para o risco de ameaça à face do outro.

No segmento (4), percebemos algumas marcas que sinalizam a preocupação dos interlocutores com a preservação das faces. Quando Jô Soares dirige a pergunta a Ariano Suassuna, referindo-se ao sucesso “universal” da obra “O Auto da Compadecida”, o entrevistado, autor da obra, logo se utiliza do marcador discursivo “**digamos que seja**” para preservar a sua face, essa ação discursiva sugere que o sucesso da sua obra na realidade deve ser confirmado por outros indivíduos. Ele seria, como se diz, “suspeito” para falar da sua própria criação como sucesso universal, tenta, portanto, passar uma imagem pública de modéstia. No entanto, Jô Soares logo retoma o turno confirmando a hipótese de que a obra é um sucesso. Para isso, utiliza-se de um marcador seguido de reafirmação “**não... É:**”, reforçado por um tom enfático que assinala sua posição. Ariano Suassuna, por sua vez, utiliza-se de outro marcador para preservar sua face: “**é: será?**”. Jô Soares parece aceitar o jogo interativo de negociação e passa, então, em seu comentário seguinte, a preservar a face do entrevistado e conseqüentemente a sua própria face. É o que percebemos no momento em que ele utiliza o marcador “**quer dizer**”, que assinala um movimento discursivo de correção, ao que se segue uma tentativa de distanciamento: “**eu ouvi** críticas elogiando demais o espetáculo” e através do qual ele sugere que não se trata de um juízo de valor seu, mas de outros. Em seguida, lança mão do seu papel de entrevistador, e, aproveitando-se do domínio que tem, nesse papel, da condução da interação, insere um novo tópico, preferindo sacrificar o

tópico anterior a pôr em risco a relação interpessoal, preservando, assim, sua face e a do entrevistado.

Um outro elemento de extrema importância de que lançam mão os interlocutores em uma interação diz respeito aos esquemas de conhecimento. Conforme Tannen e Wallat (1998, p. 124), esquema de conhecimento se refere “às expectativas dos participantes acerca das pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo...”. Para elas, “... a única maneira de alguém compreender qualquer discurso é através do preenchimento de informações não proferidas, decorrentes do conhecimento de experiências anteriores no mundo”. Jô Soares, assumindo o seu papel social de entrevistador, deixa pistas de que há um conhecimento prévio dos tópicos desenvolvidos na interação. Esse conhecimento prévio chega a ser uma estratégia na co-construção da entrevista, reforçando o domínio do apresentador/entrevistador na direção global do programa e na condução da entrevista. No trecho abaixo, o entrevistador conduz a entrevista perguntando sobre o tópico “Disneylândia”, o que analisamos como sendo de conhecimento prévio dos participantes, ou seja, a inserção desse assunto sinaliza para o entrevistado um fato que ambos conhecem, por essa razão é que o entrevistador instiga o entrevistado, sabendo que há um fato interessante a contar.

(5)

L1. (sendo)... e a disneylândia?

L2. ah:: meu amigo... meu amigo aquilo é um desgosto... na minha vida hein

PL. ((risos))

L1. por que? como é (que faz)

L2. [olha eu... tá se criando um ambiente tão engraçado que... eu fui... jantar na casa dum amigo... rico.... eu nunca passei tanto aperto porque eu me esqueci que eu sou um homem de classe média... eu janto sete horas... no máximo... e me esqueci que em casa de rico só se come de noite né?

O tom jocoso desencadeia o humor no enquadre entrevista, como percebemos já em (5). Goffman (1998, p. 76) diz que “um encontro social é tipicamente marcado pela aproximação dos participantes, que deixam suas orientações dispersas e passam a mover-se conjuntamente...”. Na entrevista analisada percebemos que os interlocutores constroem conjuntamente, durante todo o tempo em que dura a interação, uma atitude marcada pelo humor, perceptivelmente sinalizado pelo riso constante por parte da platéia e do entrevistador. No trecho abaixo, quando Jô Soares pergunta a Ariano Suassuna por qual motivo ele ainda não saiu do Brasil para conhecer novos países, o entrevistado responde que não gosta de

viajar de avião, pois não existe nada para se ver lá em cima, apenas umas “**nuvens bestas**”. Utiliza-se, portanto, de um tom jocoso, criando o humor e provocando o riso:

(6)

L1. e você nunca saiu do brasil?

L2. nunca saí do brasil

L1. e tu mais ah:: de propósito como é que é?

L2. [olha ((tosse)) aconte

L1. [ou é por causa do assento flutuante?

L2. não:: é porque e... olha... jô não é só de avião eu não gosto de viajar de jeito nenhum... agora só acho avião mais tedioso a viagem... nem paisagem você vê né? aquelas **nuvens bestas**... o tempo todo

PL. ((risos))

2.3 ENQUADRE NARRAÇÃO

A entrevista com Ariano Suassuna deu-se no ano em que esse escritor completava oitenta anos. Fato que certamente motivou a escolha do entrevistado para participação no Programa do Jô. Isso nos leva a considerar a forma como o apresentador do programa, e entrevistador, conduz a entrevista, sempre tratando de assuntos relacionados à vida de Ariano, o que tem como consequência uma forte presença do enquadre narração na organização do encontro.

Pudemos observar que o entrevistador, através de comentários e/ou perguntas, vai direcionando o entrevistado para o relato de determinados fatos de sua vida. A passagem de um enquadre a outro, da entrevista à narração, ocorre através da negociação da alteração dos papéis de entrevistador/entrevistado para contador/auditório e narrador/narratário. Como afirma Pessoa (In MARINHO, PIRES & VILLELA, 2007, p. 148), o entrevistador sinaliza “ao entrevistado a liberação do turno para a apresentação da narrativa e para que o entrevistado demonstre a disposição em assumir o papel de contador/narrador ou, ao assumir o papel de contador, atribuir a outrem o papel de narrador”.

(7)

L1. ahn... e como é que é a história do Benedito Mucica?

L2. **Benedito Mucica... Benedito Mucica era um um cidadão lá que num num controlava os movimentos... ele era lá/lá do Recife...** e e contavam-se várias histórias dele num é? i/inclusive

contavam as que... ele um dia... na época da minha juventude Jô... havia uns uns ônibus elétricos... no/no Recife e que eram cor de alumínio num é?

L1. hum

Em (7), podemos observar como o entrevistador faz o movimento discursivo de sinalização da introdução do enquadre narração, através da pergunta direcionada a um assunto específico. Esse movimento, freqüente em toda a interação, é conduzido pelo entrevistador, cujo papel o autoriza a inserir o enquadre narração nos enquadres mais amplos, entrevista e programa, promovendo, com esse movimento, as alterações nos alinhamentos que assume para si e para os outros. No trecho grifado, é possível notar como o entrevistado assume o papel de contador, realinhamento conduzido pela sugestão de mudança de enquadre sinalizada pelo entrevistador. Observamos as pistas dadas pelo entrevistador, assumindo o papel de auditório, ao incitar a condução da narrativa, evidenciado pela atenção dispensada ao turno do outro: “hum”.

Já quando o entrevistado afirma “contavam-se várias histórias dele...”, atribui a outrem o papel de narrador, enquanto instância discursiva responsável pela condução e organização da narrativa (PESSOA, idem, p. 145).

É visível também que, diferentemente do enquadre entrevista, em que os interlocutores participam de forma mais igualitária na distribuição dos turnos, na narração, há um domínio maior do turno pelo contador/narrador, como vemos abaixo:

(8)

L1. como é que era essa história? conta isso pra gente

L2. é verdade... éh: éh... era aliás era um crítico

L1. ah era um crítico

L2. era um crítico e ele fumava muito... e eu tenho uma alergia danada... e... e ele começou a fumar... e ele falava piando ele tinha um... ((faz um gesto com a mão direita do peito em direção à garganta e imita uma respiração difícil)) aí eu comecei a piar também pela fumaça do cigarro aí de repente ele disse “por que é que você está piando?” eu digo “porque você está fumando”... ele disse/e eu disse “e você?” ele disse “não eu tenho uma/um defeito na garganta” ((imita a voz do crítico)) eu digo “pois você pare de fumar porque se/do jeito que vai parece duas painéis de pressão conversando”

PL. [((risos))

L1. [((risos))

Em (8), percebemos como a mudança de papéis, de entrevistado para contador/narrador, é marcada por pistas lingüísticas, paralingüísticas e não lingüísticas, decisivas para a construção do novo alinhamento. Além do registro lingüístico apropriado

para o cenário e para a audiência, um estilo informal de fala, o locutor utiliza uma entonação própria, chegando a imitar a maneira como o personagem de seu relato falava, e elementos gestuais bem marcados. Por sua vez, o relato provoca, no auditório, o humor, o riso, característicos, como podemos constatar, não apenas desse enquadre específico, mas de toda a interação analisada.

Em sua elocução, o narrador/contador torna-se, além de animador, autor e responsável, nos termos de Goffman (1998, p. 87). Não devemos esquecer, no entanto, que o contador/narrador inclui em seu relato um outro responsável, um personagem que tem suas palavras repetidas, animadas pelo locutor. Isso demonstra sobremaneira a complexidade do formato de produção de uma elocução, nesse caso, podemos observar que o *footing* de contador/narrador para o qual o entrevistado alterna inclui o “encaixamento” (GOFFMAN, 1998) de outras figuras, ou seja, ele encaixa falantes diferentes no corpo de sua elocução. A exemplo do “eu” em “eu disse ‘e você?’”, no fragmento acima, que, embora ligado à pessoa presente, é na verdade uma figura encaixada, pois sua “presença se dá somente no universo sobre o qual se está falando, não no universo no qual a narração em curso acontece” (GOFFMAN, 1998, p. 91).

O fato de que os relatos sempre provocam o riso têm uma implicação importante na consideração de que, ao assumir determinados alinhamentos ao longo da interação, o locutor (Ariano Suassuna) estabelece uma identificação com seus interlocutores (platéia, Jô Soares), portanto, quando esse falante seleciona o papel que vai ocupar, simultaneamente, seleciona (ou pelo menos tenta) que papéis assumirão os outros participantes (GOFFMAN, 1998, p. 87-88). Para nós esse panorama do formato de produção tem relação direta também com o contexto mais amplo, e menos pontual da interação, ou seja, os comportamentos e atitudes que os sujeitos participantes assumem na interação são marcados por sua experiência em interações outras, são, portanto, condicionados pelas expectativas prévias que eles trazem, por seus papéis sociais, bem como pelo processo de negociação de suas posições no decorrer da própria interação. Suas identidades são, portanto, construídas e legitimadas na interação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos possibilitou a percepção de que em uma situação de interação face a face estão em jogo elementos de variadas ordens: lingüísticos, paralingüísticos, gestuais, visuais, etc. Esses elementos, por sua vez, marcam na elocução pistas que sinalizam o sentido

que os interlocutores constroem conjuntamente e cuja análise requer um olhar sobre o contexto imediato da interação.

O estudo realizado, embora breve, nos permitiu compreender que as relações estabelecidas entre os participantes de uma conversa são bem mais complexas do que os estudos tradicionais da linguagem pressupunham no quadro da teoria comunicação. A relação linear entre emissor e receptor não dá conta da complexidade que envolve o fenômeno linguageiro. A nossa análise demonstrou que as relações entre os participantes dessa interação estão em contínuo realinhamento, sendo permanentemente negociadas, portanto co-construídas. Isso pressupõe, então, que não basta conhecer um código para interagir numa situação comunicativa de forma satisfatória. É necessário aos interlocutores o reconhecimento do enquadre dentro do qual a elocução foi composta, das pistas de contextualização, do realinhamento do *footing* dos participantes, das estratégias de preservação das faces, entre outros elementos relevantes para que se evitem mal entendidos ou problemas de comunicação.

A observação da estrutura de participação e do formato de produção, bem como dos enquadres em que se organiza a interação analisada, permitiu-nos constatar que o envolvimento em um encontro social exige que os participantes estejam sempre atentos para que haja um equilíbrio na introdução, condução e mudança dos diversos enquadres.

O recorte que fizemos para apresentar a análise do corpus obviamente não esgota outras possibilidades e, até mesmo, um aprofundamento das questões suscitadas. O nosso intuito foi descrever aspectos pontuais desse recorte a fim de operacionalizar os pressupostos teórico-metodológicos que embasaram o estudo.

4. REFERÊNCIAS

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: University Press, 1987.

CUNHA, A. L. *A interação na educação à distância: um estudo lingüístico-pragmático*, 2005. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/010tcf5.pdf>>.

FÁVERO, L. L. Tópico Discursivo. In: PRETI, D. (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: Humanitas, 2003. p. 39-63.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. de O; AQUINO, Z. G. O. de. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 118-119.

GOFFMAN, E. *Footing*. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ M. P. (orgs.). *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 70-97.

GUMPERZ, J. J. Convenções de Contextualização: In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ M. P. (orgs.). *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 98-119.

KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

LOPES, R. *A interação verbal e a negociação do conflito*. In: MOARA. Belém: EDUFPA, n. 13, p. 47-61, jan./jun., 2000.

PESSOA, F. C. As relações interpessoais nos domínios do contar e fazer as narrativas populares da Amazônia Paraense. In: MARINHO, J. H. C.; PIRES, M. S. DE O. & VILLELA, A. M. N (orgs.) *Análise do Discurso: ensaios sobre a complexidade discursiva*. Belo Horizonte: CEFET-MG, 2007. p. 139-157.

RIBEIRO, B. T. & GARCEZ M. P. (orgs.). *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

TANNEN, D. & WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ M. P. (orgs.). *Sociolingüística Interacional: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 120-141.

WYSOCKI, B. *A preservação da face na entrevista televisiva*. Revista Estudos Lingüísticos, 2007. Disponível em <<https://www.gel.org.br/4publica-estudos-2007/sistema06/76.PDF>>. Data de acesso: 20/05/2008.